

Capítulo 16 - DOI:10.55232/1085002.16

**REPRESSÃO, VERDADE E LUTA: O TESTEMUNHO COMO
MEMÓRIA NA ARGENTINA PÓS-DITATORIAL**

**Lucas Barroso Rego, Joana Josiane Andriotte Oliveira Lima Nyland,
Juliana Fontes de Lima**

O desaparecimento compulsório foi a principal fórmula adotada pelos militares para aniquilar a oposição na última ditadura militar argentina (1976-1983). Seu uso serviu como modelo massificado de destruição de opositores. A violência política foi usada com fins de disciplinarização, a partir da geração de temor, apatia, imobilidade, conformismo e não questionamento. O terrorismo de Estado e a repressão estatal constituíram-se os elementos centrais do regime. Nesse cenário, destacam-se os Centros Clandestinos de Detenção (CCDs), no qual, estando presentes em 11 das 23 províncias argentinas, funcionavam como dispositivos centrais de aniquilação de pessoas e de suas identidades. Para além de uma mera busca por informação, a tortura perpetrada nesses Centros visava tanto a propagação de (auto)narrativas e memórias do regime por meio de seu próprio aparato repressivo quanto a sua própria consolidação. Em mais de 340 CCDs, estima-se a passagem de 1.500 a 20 mil pessoas, das quais 90% foram assassinadas. Os sobreviventes converteram-se em testemunhas integrais da repressão, aliados aos vizinhos dos Centros entendidos como espectadores. Os testemunhos comunicam recordações, representações, interpretações e imaginações, a partir de modalidades pessoais ou coletivas. Por sua simbologia e subjetividade, as manifestações testemunhais seriam mais representativas quanto à significação individual e social dada a uma certa lembrança do que aos acontecimentos passados em si. Nesse cenário, o presente trabalho visa apresentar o testemunho dos sobreviventes e espectadores da repressão como um pilar das políticas de memória vistas na Argentina. Para isso, analisaremos relatos, entrevistas, recordações e falas públicas ou privadas de sobreviventes de CCDs, visando, a partir de representações individuais e coletivas, retomar os testemunhos enquanto fonte e meio de aproximar-se da realidade da ditadura. A partir dessa análise, espera-se entender os relatos de testemunhas integrais e espectadores da ditadura como o motor de uma demanda civil por políticas antiditatoriais de memória na Argentina.

Palavras-chave: Ditadura, Argentina, Centro Clandestino de Detenção

Referências Bibliográficas:

AGAMBEN, Giorgio. Lo que queda de Auschwitz. El archivo y el testigo. Homo sacer III. Valência: Pre-Textos, 1999.

CALVEIRO, P. Poder y desaparición: Los campos de concentración en la Argentina. Buenos Aires: Colihue, 2001.

LEVÍN, F. P. Arqueología de la memoria: algunas reflexiones a propósito de Los vecinos del horror. Los otros testigos. *Entrepasados*, ano XIV, n. 28, p. 47-63, 2005.

ZARANKIN, A.; NIRO, C. “A materialização do sadismo: arqueologia da arquitetura dos Centros Clandestinos de Detenção da ditadura militar argentina (1976-83)”. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; ZARANKIN, Andrés; REIS, José Alberioni dos (Orgs.). *Arqueologia da repressão e da resistência na América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960-1980)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008. cap. 9. p. 183-210.

ÁGUILA, G. “Testemunhas e vizinhos: a ditadura na Grande Rosário (Argentina)”. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina*, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. cap. 8. p. 596-613.